

INSTRUÇÕES SOBRE COBRIR A CABEÇA E A CEIA DO SENHOR

O COSTUME DE COBRIR A CABEÇA (11:1-16)

Poucas passagens do Novo Testamento são mais intrigantes que as instruções de Paulo no capítulo 11 sobre o costume de cobrir a cabeça¹. As preocupações do apóstolo parecem ser especificamente pertinentes ao clima cultural e religioso de Corinto. As mesmas questões não aparecem em outros trechos do Novo Testamento. A vida cotidiana dos coríntios envolvia práticas e costumes difíceis de serem reconstruídos após o transcurso de dois mil anos. Corinto era uma cidade internacional. Sua fundação por colonos romanos apenas cem anos antes dos dias de Paulo imprimia-lhe um selo distinto. Os gregos tinham se infiltrado nas praças comerciais e nos povoados, onde também era significativa a presença de judeus.

A igreja aproveitou a sinagoga dos judeus para ensinar e reunir os convertidos, mas também agregava um saudável contingente gentílico. Deuses gregos e romanos competiam com o Deus de Israel pela adoração dos devotos. Igualmente populares eram os altares e templos para a adoração de membros da família do imperador recentemente falecidos. Diversas crenças religiosas causavam tensões sociais, mas estas não eram a única fonte de divergência. Corinto era uma cidade cosmopolita que apresentava uma ampla discrepância entre ricos e pobres. As advertências de Paulo relativas ao costume de cobrir a cabeça devem ser lidas através das lentes dessa cultura mista e complexa.

O contexto é importante para a interpretação

¹N. Trad.: As versões ACRF, ARA, ARC e ARIB empregam a palavra “véu” onde a maioria das demais versões, inclusive a inglesa usada pelo autor, seguindo o texto original grego, dizem apenas “cobrir a cabeça” ou expressões equivalentes (veja A521; BJ; BJC; KJA; NVI).

de qualquer passagem difícil; mas, no caso do costume de cobrir a cabeça em Corinto, ele é mais crucial do que o habitual. Será que o capítulo 11 deve ser considerado uma extensão das perguntas sobre idolatria iniciadas em 8:1, ou ele introduz uma nova bateria de perguntas sobre o funcionamento interno e as reuniões de adoração da igreja iniciada efetivamente em 12:1? A fórmula “a respeito de”, e seus equivalentes, não aparece entre 8:1 e 12:1, mas Anthony C. Thiselton argumentou que a epístola toma uma nova direção com as palavras “eu vos louvo” em 11:2. A avaliação dele é a seguinte: “...o tema unificador por trás de [8:1—11:1] é de paciência em amor para com o irmão supostamente mais fraco; em [11:2—14:40] é de como conduzir-se no contexto da comunidade adorando coletivamente”².

Pode-se responder, discordando de Thiselton, que o tema unificador de 8:1—11:1 é a devida resposta cristã à idolatria e que 11:2-34 leva esse tema para outras áreas, como a assembleia e a adoração. A preocupação com um irmão mais fraco parece ser apenas uma das considerações na proibição do apóstolo contra comer carne em templo de ídolo. O costume de cobrir a cabeça também pode ter algo a ver com idolatria.

Richard E. Oster Jr. apresentou uma considerável pesquisa para argumentar que as dúvidas sobre o costume de cobrir a cabeça emergiram do clima religioso específico em Corinto. Ele concluiu que as admoestações de Paulo sobre cobrir a cabeça e a ceia do Senhor serviram como transições úteis entre as perguntas sobre carne oferecida a ídolos nos capítulos 8 a 10 e a devida conduta nos cultos públicos nos

²Anthony C. Thiselton, “Realized Eschatology at Corinth”, *New Testament Studies* 24. Julho de 1978, p. 521.

capítulos 12 a 14³.

O Exemplo de Paulo (11:1)

¹Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo.

Versículo 1. Num consenso geral, concluíram os expositores da Bíblia que este versículo pertence de fato ao fim do capítulo 10. Depois de prevenir a igreja contra comer carne oferecida a ídolos em templo de ídolo, o apóstolo incentivou os cristãos coríntios a serem imitadores dele dando glória a Deus sem se tornarem causa de tropeço para judeus ou gentios (veja 4:16). Ele também convidou os de Filipo e Tessalônica a agirem como ele agiu (Filipenses 3:17; 4:9; 1 Tessalonicenses 1:6; 2 Tessalonicenses 3:9).

A Introdução de Paulo (11:2, 3)

²De fato, eu vos louvo porque, em tudo, vos lembrais de mim e retendes as tradições assim como vo-las entreguei. ³Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo.

Dois fatos são notáveis a respeito da exposição de Paulo em 11:2–16. Primeiro, o apóstolo devia estar se dirigindo a uma situação peculiar à igreja em Corinto, pois o costume de cobrir a cabeça não é mencionado em outro trecho do Novo Testamento. Segundo, a tentação de os cristãos se apegarem a certos elementos idólatras daquela cultura foi um assunto abordado na carta a partir de 8:1. Aparentemente, cobrir a cabeça com véu tinha a ver com a relação dos cristãos coríntios com os costumes pagãos.

Outros elementos do cotidiano em Corinto podem ter contribuído para a confusão a respeito do costume de cobrir a cabeça. É importante notar primeiramente que eram os princípios morais romanos, e não os gregos, que predominavam na vida social de Corinto. Outra consideração é que a prática romana entre homens e mulheres era usar algum tipo de tecido cobrindo a cabeça sempre que prestavam honras aos deuses. Além disso, nos círculos

³Richard E. Oster Jr., *1 Corinthians*, The College Press NIV Commentary. Joplin, Mo.: College Press Publishing Co., 1995, pp. 253–75; Richard Oster, “When Men Wore Veils to Worship: The Historical Context of 1 Corinthians 11.4”, *New Testament Studies* 34. Outubro de 1988, pp. 481–505.

judaicos, o uso de tecido sobre a cabeça conotava submissão ou sujeição. Ainda outra consideração é que o marido/pai tinha autoridade absoluta na família em assuntos relacionados a religião. Finalmente, convém lembrar que homens e mulheres, normalmente, não se misturavam em reuniões religiosas ou outras assembleias públicas.

Nas assembleias da igreja, porém, mulheres e homens se misturavam, como deixa claro o capítulo 14. Eles também se reuniam nas casas, um ambiente que se empresta à informalidade. Houve confusão e dissensão nas assembleias da igreja em Corinto devido à aplicação de normas sociais, particularmente costumes que regulavam a conduta respeitável de homens e mulheres em um ambiente social misto. A conversão à fé cristã gerou tensões no momento em que homens e mulheres tentaram adaptar convenções sociais contemporâneas às reuniões públicas de adoração a Deus. As dúvidas eram pertinentes e envolviam fortes opiniões.

Versículo 2. Enquanto preparava os coríntios para o que estava prestes a dizer, o apóstolo sabia que suas palavras não agradariam a todos. Ele abordou o assunto primeiramente com o que era básico, expressando louvor e admiração pelo respeito que a igreja demonstrara por ele. As dúvidas sobre o cobrir a cabeça já tinham aparecido antes, e agora os cristãos coríntios podiam lembrar o que Paulo tinha lhes ensinado. Mostraram-se dispostos a seguir as tradições que Paulo tinha passado para eles. Qualquer palavra de repreensão ou qualquer ensino com que eles discordassem seria avaliado à luz de como Paulo os estimava.

Paulo não introduziu sua exposição sobre o cobrir a cabeça com o habitual “a respeito de”, mas com as palavras: **De fato, eu vos louvo.** Desse modo, essas instruções, aparentemente, se encaixam na mesma categoria geral introduzida em 8:1: “...coisas sacrificadas a ídolos”. Apesar de o costume de cobrir a cabeça não estar diretamente ligado ao sacrifício a ídolos, ele estava relacionado ao comportamento cristão numa cultura voltada para a adoração idólatra. Os cristãos precisavam saber se comportar nesses ambientes. Talvez os três homens que entregaram a carta dos coríntios (16:17) também chamaram a atenção de Paulo para as preocupações com essa questão de cobrir a cabeça.

Versículo 3. Exatamente o que Paulo queria dizer com **cabeça** é o problema básico no estudo deste versículo. Primeiro, no português moderno, “cabeça” refere-se geralmente a *um poder contro-*

lador ou autoridade: o “cabeça” de uma corporação poderia ser um conselho administrativo. Segundo, alguns comentaristas dizem que o termo não era usado nesse sentido no mundo antigo. “Cabeça”, segundo a opinião destes, era usado no sentido de *fonte*, como se diz em inglês “a cabeça do rio”, ou de um lugar de proeminência, como “o cabeceira da cama”. Nesse caso, não era a autoridade de Deus acima de Cristo que estava em questão, nem a autoridade do homem acima da mulher, mas certa ordem de prioridades. Por exemplo, a criação do homem veio primeiro, seguida pela criação da mulher. De acordo com esta visão, o assunto de Paulo tinha mais a ver com cobrir a cabeça como um sinal da prioridade do homem na criação do que com a autoridade do homem ou a submissão da mulher.

Oster argumentou que o uso peculiar que Paulo fez da palavra “cabeça” (κεφαλή, *kefalē*) nesta seção demonstra que ele criou a terminologia para se reportar à situação em Corinto. Ele prosseguiu dizendo:

Especificamente, em nenhuma outra ocasião Paulo usa esse termo “cabeça” (*kefalē*) denotando o relacionamento entre Cristo e o ser humano masculino. Nem há em outro texto de Paulo evidências do uso dessa palavra para descrever a relação entre homens e mulheres.⁴

Ele acrescentou em nota de rodapé que Efésios 5:21–33 diz respeito a maridos e esposas, e não ao relacionamento mais geral entre homens e mulheres. Contudo, alguém poderia questionar se é possível fazer uma distinção plena entre o relacionamento de maridos e esposas e o relacionamento entre homens e mulheres. Esclarecida essa questão, as conclusões certamente se aplicam a um homem e uma mulher casados entre si.

A alegação de que “cabeça” não possui nenhuma conotação de autoridade tem sido debatida vigorosamente. Alguns estudiosos oferecem evidências de que o mundo greco-romano usava comumente “cabeça” em referência a alguém em posição de autoridade, por exemplo, o cabeça de um governo. Joseph A. Fitzmyer examinou evidências da Septuaginta, dos escritos de Filo e Josefo, e de outras fontes. Ele concluiu que “um escritor judeu helenista como Paulo de Tarso podia muito bem ter a intenção de que *kefalē* em 1 Coríntios 11:3 fosse entendido como ‘cabeça’ no sentido de autoridade ou supremacia sobre outra pessoa”⁵. Pode-se conceber que

kefalē em determinado contexto refere-se a um lugar de proeminência e ainda manter que, às vezes, significa autoridade.

A interação social entre homens e mulheres na cultura grega era rara⁶, por isso estarem juntos na reunião da igreja provavelmente era estranho para eles (veja 14:34). Deviam ter dúvidas quanto a seus papéis. Dúvidas sobre autoridade e submissão certamente se mesclavam com dúvidas sobre como cada membro deveria ajudar a nutrir e ensinar no ambiente congregacional.

A Explicação de Paulo (11:4–16)

⁴Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. ⁵Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada. ⁶Portanto, se a mulher não usa véu, nesse caso, que rape o cabelo. Mas, se lhe é vergonhoso o tosquiarse ou raparse, cumpre-lhe usar véu. ⁷Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem.

⁸Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem. ⁹Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem. ¹⁰Portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu na cabeça, como sinal de autoridade. ¹¹No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. ¹²Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus.

¹³Julgai entre vós mesmos: é próprio que a mulher ore a Deus sem trazer o véu? ¹⁴Ou não vos ensina a própria natureza ser desonroso para o homem usar cabelo comprido? ¹⁵E que, tratando-se da mulher, é para ela uma glória? Pois o cabelo lhe foi dado em lugar de mantilha. ¹⁶Contudo, se alguém quer ser contencioso, sai-

1 Corinthians 11.3”, *New Testament Studies* 35. Outubro de 1989, p. 510. Há um bom debate em Wayne Grudem, “Does *kefale* (‘Head’) Mean ‘Source’ or ‘Authority Over’ in Greek Literature? A Survey of 2,336 Examples”. *Trinity Journal*, new series 6. Primavera de 1985, pp. 38–59.

⁶Walter K. Lacey observou que as mulheres das classes média e baixa “ficavam quase todas em casa” (Walter K. Lacey, “Women, Position of” em *The Oxford Classical Dictionary*, 2a. ed. Oxford: Clarendon Press, 1970, p. 1139).

⁴Oster, *1 Corinthians*, p. 258.

⁵Joseph A. Fitzmyer, “Another Look at *kefale* in

ba que nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus.

Versículo 4. Enquanto **ora** aqui pode ou não indicar um dom especial do Espírito Santo, **profetiza** certamente indica. Paulo estava se referindo a essas duas atividades realizadas quando a igreja se reunia⁷. Embora a expressão **tendo a cabeça coberta** pudesse se referir a cabelos longos, as referências subsequentes deixam claro que Paulo falava do costume de cobrir a cabeça. O apóstolo contrastou o uso de algo externo para cobrir a cabeça com a cobertura natural provida pelos cabelos. Se o comprimento do cabelo de uma pessoa fosse a questão, pareceria que Paulo estava defendendo que o homem sempre deve raspar a cabeça para prestar adoração. É difícil acreditar que o apóstolo estivesse defendendo esse requisito. Além disso, ele se referiu aos cabelos de uma mulher como a “glória” dela (11:15). Por que uma mulher cobriria sua glória? De acordo com Ben Witherington III,

O comentário de Paulo sobre os cabelos (vv. 14s.) só é trazido no fim como um argumento de sustentação, como exemplo de um tipo de cobertura para a cabeça... O assunto é o costume de cobrir a cabeça.⁸

Comentários mais antigos, juntamente com alguns mais recentes, interpretaram a citação de Paulo sobre homens cobrirem a cabeça como um recurso retórico ali inserido porque ele se dirigia a leitores de ambos os sexos. De acordo com este pensamento, não importava a Paulo o que os homens estavam usando sobre a cabeça; suas admoestações sobre cobrir a cabeça diziam respeito às mulheres. Oster demonstrou que essa leitura está equivocada. Provas literárias e arqueológicas indicam que, na adoração pagã, era comum homens e mulheres romanos cobrirem a cabeça⁹. A influência desse cos-

⁷Jack P. Lewis tinha um ponto de vista diferente. Ele argumentou que a assembleia não estava em questão quando Paulo comentou sobre o cobrir a cabeça em 1 Coríntios 11:4-16 e que a assembleia da igreja só é mencionada em 11:17, 18. (Jack P. Lewis, “The Role of Women in the Assembly: Epistles of Paul” em *These Things Are Written: Bible Lectures Presented at Harding from 1952 to 2012*. Searcy, Ark.: Truth for Today World Mission School, 2013, pp. 700-2.)

⁸Ben Witherington III, *Conflict and Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 232.

⁹Oster, “When Men Wore Veils”, pp. 493-97. Gordon D. Fee estava enganado quando disse que faltavam provas do costume de se cobrir a cabeça nas culturas grega, romana e

tume sobre os cristãos era uma questão importante para o apóstolo.

A cultura romana já estava entrincheirada em Corinto na metade do primeiro século. Segundo as práticas religiosas romanas, os adoradores, principalmente os homens, mas também as mulheres, cobriam a cabeça com algum material ao realizarem ritos dedicados aos deuses. Os cristãos coríntios de linhagem romana perpetuaram a prática de cobrir a cabeça aparentemente ao “orar ou profetizar”. Oster defende que Paulo acreditava que “homens cobrirem a cabeça durante a adoração era antagônico ao papel masculino de ‘liderança’ declarado em 11:3”¹⁰.

Evidentemente, Paulo estava procurando corrigir a prática de homens cobrirem a cabeça na assembleia cristã em conformidade com a prática romana. O apóstolo também estava corrigindo as mulheres, romanas ou de outras nacionalidades, que não cobriam a cabeça enquanto “oravam ou profetizavam”.

Everett Ferguson disse: “...o fato de a prática romana em sacrifícios se aplicar tanto a mulheres como a homens complica esta explicação”¹¹. Ele escreveu,

Se reconstruirmos o contexto social de 1 Coríntios 11, provavelmente imaginaremos a igreja ou um grupo de cristãos reunidos na casa (ou nas casas) de um membro(s) rico(s) ou de um simpatizante(s). As mulheres da casa estavam acostumadas a falar livremente e sem cobrir a cabeça dentro de suas casas. Por causa do caráter especial da situação em que “vos reunis na igreja” (1 Coríntios 11:18), “toda a igreja se reunir” (1 Coríntios 14:23), Paulo indica os trajés e a conduta corretos para [o ambiente de] uma reunião pública.¹²

Versículo 5. Tudo indica que a cabeça que causava vergonha à mulher quando esta orava ou pro-

judaica. (Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987, pp. 507-8.)

¹⁰Oster, “When Men Wore Veils”, p. 504. O argumento de Oster seria mais forte se ele tivesse demonstrado que o cobrir a cabeça no contexto palestino ou da diáspora judaica sugeria subordinação feminina. Visto que Efésios 5:23 poderia ter implicações para a questão mais ampla dos relacionamentos de homens e mulheres, é surpreendente que Oster não leve em conta o versículo.

¹¹Everett Ferguson, “Of Veils and Virgins: Greek, Roman, Jewish, and Early Christian Practice”. *Restoration Quarterly* 56. Quarto Trimestre de 2014, p. 241.

¹²Ibid.

fetizava **com a cabeça sem véu**¹³ era a sua própria cabeça; ou seja, a própria mulher trazia vergonha para si. Não há razão para insistir que Paulo estivesse usando metaforicamente a palavra “cabeça” para o marido em 11:5 como o fez em 11:3.

Profetizar era uma ação feita sob a influência do Espírito Santo. Talvez o orar que Paulo tinha em mente fizesse parte do profetizar. O apóstolo não ousaria restringir as ações de uma mulher que estava orando ou profetizando sob a influência do Espírito; mas, até nesse caso, ele afirmou que ela deveria cobrir a cabeça em sinal de que reconhecia a distinção social que se fazia naquela cultura entre homens e mulheres (veja os comentários sobre 14:34 e 35).

A objeção que Paulo tinha a uma mulher cristã aparecer em público sem véu provavelmente estava enraizada na sua formação judaica/farisaica. Quando uma mulher judia casava, ela deveria seguir certas regras de decoro:

...exigia-se que ela usasse um véu preso aos cabelos que ia até o queixo. Era costume ela jamais sair de casa sem cobrir a cabeça. Isso era tão desonroso que o marido poderia usar esse lapso livremente como base para pedir divórcio sem devolução do dote de casamento.¹⁴

A igualdade usufruída por homens e mulheres perante Deus (Gálatas 3:28) não significava a anulação de distinções culturais entre ambos. A mulher cristã em Corinto que orasse ou profetizasse sem cobrir a cabeça desonraria a si mesma publicamente, rejeitando normas culturais baseadas na tradição, na revelação divina (1 Coríntios 11:8, 9) e na natureza (11:14).

Paulo empregou uma hipérbole para sublinhar seu argumento. Ele afirmou que uma mulher que orasse ou profetizasse sem cobrir a cabeça desonrava **a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse raspada**. O apóstolo estava usando uma figura de linguagem ousada. Era desonroso para uma mulher ter a cabeça raspada; mas Paulo não estava se referindo a prostitutas aqui, nem há provas de que as prostitutas de Corinto raspavam a cabeça¹⁵. “Uma mulher de cabeça raspada”, declarou David E. Garland, “está numa condição antinatural em que lhe foi removida a cobertura natural e isso

¹³Veja n. 1.

¹⁴William F. Orr e James Arthur Walther, *1 Corinthians*, The Anchor Bible. Garden City, N.Y.: Doubleday & Company, 1976, p. 260.

¹⁵Hans Conzelmann, *1 Corinthians*, trad. J. W. Leitch, Hermeneia. Filadélfia: Fortress Press, 1975, p. 185.

devia implicar certa desgraça naquela cultura para que o argumento tivesse algum peso”¹⁶. *Paulo estava simplesmente declarando que o homem não deve cobrir a cabeça, mas a mulher sim*.

Versículo 6. Os comentaristas que enfatizam a hostilidade pública a mulheres coríntias que aparecessem em público com as cabeças raspadas cometem um erro desnecessário. Paulo não estava se reportando ao comprimento dos cabelos ou a penteados. A questão do comprimento dos cabelos para homens e para mulheres é uma ilustração, e não a ideia principal. O apóstolo recorreu ao argumento mais próximo para apoiar a ideia de que **se a mulher não usa véu**¹⁷, **ela deveria então rapar o cabelo**. Visto que para o homem usar cabelos longos era vergonha, mas para a mulher era glória (11:14, 15), a sugestão é que cobrir a cabeça elevava a posição da mulher, porém em detrimento da honra devida ao homem. Embora o argumento de Paulo pareça confuso para muitos leitores de hoje, ele fazia sentido para os cristãos coríntios de origem judaica e pagã porque partia de suas experiências de vida.

A questão tinha a ver com normas sociais que diferenciavam o comportamento apropriado para homens e para mulheres ao se relacionarem uns com os outros. Embora o comprimento dos cabelos de uma mulher não gere consequência alguma, este texto indica que o cristão deve viver dentro das normas da sociedade, a menos que tais normas sejam imorais ou irreligiosas. Em Corinto, tanto a cabeça raspada como a cabeça sem véu comunicavam desrespeito pelas convenções sociais ali adotadas para distinguir homens de mulheres.

Versículo 7. Depois de recorrer a normas sociais para mostrar que as mulheres deveriam usar véu e os homens não, o apóstolo partiu para a revelação registrada em 11:7. Ele desenvolveu o raciocínio iniciado em 11:3: “Cristo é o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo”. O apóstolo argumentou que o homem que cobrisse a cabeça enquanto orasse ou profetizasse estava desonrando a Deus. Na criação, Deus fez o homem à Sua imagem (Gênesis 1:26). Este ato criativo definiu a relação entre o homem e Deus. Depois, Deus criou a mulher. Baseando-se na ordem da criação, Paulo argumentou que a mulher e o homem têm uma relação mútua inerente. O uso do véu na

¹⁶David E. Garland, *1 Corinthians*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2003, p. 520.

¹⁷Veja n. 1.

cabeça era um símbolo dos respectivos papéis estabelecidos por Deus. Poderiam ter sido usados outros símbolos para comunicar a mesma realidade.

Quando Paulo disse que o homem é a “glória de Deus”, tudo indica que ele quis dizer que a existência mental, física e espiritual do homem reflete a glória de Deus. Em contrapartida, a mulher reflete a glória do marido dela. O apóstolo parou nesse ponto. Ele não sugeriu que a mulher tivesse posição ou favor de Deus mais ou menos elevado com base no gênero.

Versículos 8 e 9. Começando com um explicativo **porque** (γάρ, *gar*), Paulo continuou apresentando mais provas de que a mulher é a glória do marido (11:7b). O relato de Gênesis demonstra a prioridade do homem. Deus criou primeiro o homem e depois criou a mulher como uma companheira idônea (Gênesis 2:7, 22). Na ordem da criação, o homem foi a origem da vida para a mulher. Paulo deduziu assim que cobrir a cabeça, pelas convenções sociais de Corinto, era um símbolo da prioridade do homem na criação de Deus.

Dando continuidade à citação de Gênesis, Paulo explicou em 11:9 que o uso do véu [literalmente, “o cobrir a cabeça”] simbolizava a ordem e os propósitos de Deus determinados no momento da criação. A mulher foi criada para que o homem tivesse uma companheira que o satisfizesse, e não o contrário. Paulo explicou isto nestes termos: **o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem.** Deus não criou o homem e a mulher simultaneamente, nem criou a mulher primeiro. A ordem da criação declara a relação entre o homem e a mulher. Por isso, era conveniente manter as distinções estabelecidas por aquela sociedade quando homens e mulheres estavam juntos em ambientes públicos. Se o homem cobrisse a cabeça (11:7a) ou se a mulher não usasse nada sobre a cabeça (11:6), ambos estariam, por tabela, se negando a observar as distinções que Deus havia determinado desde a criação.

Verso 10. Quando Paulo disse **portanto** (διὰ τοῦτο, *dia touto*, literalmente, “por causa disso”), possivelmente estava indicando que sua conclusão foi extraída das citações de Gênesis que acabara de fazer da narrativa da criação. Ainda assim, as observações que ele fez de Gênesis não parecem focar a sujeição da mulher ao homem. Parecem apenas ser uma justificação para as distinções sociais convencionais entre os dois gêneros; ou seja, a mulher devia cobrir a cabeça ao orar ou profetizar numa reunião pública da igreja e o homem não. Aqui, pela primei-

ra vez em sua exposição sobre o costume de cobrir a cabeça, o apóstolo usou a palavra “autoridade” (ἐξουσία, *exousia*): **deve a mulher... trazer véu¹⁸ na cabeça, como sinal de autoridade.** Todavia, o texto original não contém as palavras “véu” nem “como sinal de”. Outras versões dizem: “a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio” (ACRF); “a mulher deve cobrir a cabeça” (BJC); “a mulher deve trazer autoridade sobre a cabeça” (AS21); “a mulher deve ter sobre a cabeça um sinal de autoridade” (NVI).

Segundo uma das interpretações desta passagem, o véu (ARA) era um símbolo da “autoridade” sob a qual a mulher se encontrava, a saber, a “autoridade” do homem. Outra interpretação sugere que a cabeça coberta da mulher era um símbolo da autoridade dela para orar ou profetizar, ou da autoridade dela sobre si mesma. A citação da prioridade do homem na criação (11:8, 9) e a amenização dessa “autoridade” nos versículos seguintes (11:11, 12) dão sustentação à primeira interpretação acima citada.

Entender que a passagem diz que “a mulher deve ter autoridade sobre sua [própria] cabeça” exige que o véu (isto é, o cobrir a cabeça) assuma um valor simbólico totalmente diferente do que foi proposto até aqui. Em vez de entender o ato de cobrir a cabeça como símbolo da prioridade do homem, esta interpretação transforma-o num sinal do direito da mulher a auto-afirmação. Essa mudança de significado radical sem explicação é improvável.

O uso que o apóstolo faz da palavra “autoridade” em 11:10 não é convencional. Normalmente, se usa “autoridade” num sentido ativo, envolvendo o direito de fazer algo. Porém, se houver alguma relação entre o versículo 10 e os dois versículos que o antecedem ou os dois que o sucedem, é difícil entender como a “autoridade” da mulher sobre sua própria cabeça estaria em debate. Pode-se dizer que a ordem da criação demonstra a prioridade do homem e não sua “autoridade”; porém, visto que ocorre a introdução da palavra “autoridade”, o leitor não pode concluir, de repente, que Paulo citou Gênesis para mostrar que a mulher tem “autoridade” sobre sua própria cabeça. Tudo indica que a sensibilidade moderna à igualdade entre homem e mulher seja uma força motivadora por trás dessa interpretação, e não o significado entendido por Paulo e seus leitores.

Considerando que o contexto exige um bom senso de imparcialidade, a maioria das traduções

¹⁸Veja n. 1.

tem algo semelhante a isto: "...deve a mulher trazer na cabeça um símbolo de autoridade". Que "autoridade" o homem tinha sobre a mulher ou como ela seria exercida não era a preocupação de Paulo aqui. Ele não estava dizendo que o homem é moralmente ou em qualquer outro aspecto superior à mulher. Os leitores deveriam lembrar que Paulo estava falando de mulheres capacitadas com dons sobrenaturais do Espírito. Por isso, elas deveriam orar ou profetizar como o Espírito as inspirou, mas também deveriam cobrir a cabeça para demonstrar aceitação das normas sociais que diferenciavam os gêneros feminino e masculino.

Quando Paulo acrescentou **por causa dos anjos**, ele estava se referindo aparentemente a mensageiros ou agentes de Deus que examinam a adoração da igreja. Ser mais específico é impossível. Sempre que Paulo mencionou ocasionalmente os poderes espirituais do mal, ele não os chamou de "anjos". Em raras ocasiões, ele se referiu a um anjo como um agente maligno, "mensageiro de Satanás" (2 Coríntios 12:7), ou mencionou "a adoração dos anjos" de modo ambíguo (Colossenses 2:18). A menos que o contexto aponte para o contrário, os leitores devem ter entendido que "os anjos" eram agentes benevolentes de Deus (veja 1 Coríntios 4:9; 6:3).

Versículo 11. Talvez alguns homens quisessem usar a prioridade do homem na criação para defender um estado espiritual dos homens que as mulheres não compartilhavam. Paulo desaprovou isso. Os homens e as mulheres se complementam uns aos outros, trabalhando juntos para glorificar a Deus. Paulo disse que **no Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher**. Ambos estão perdidos no pecado; ambos são salvos pela graça de Deus. Importava para o apóstolo que os cristãos respeitassem as convenções sociais. Ele não defendeu a atitude do homem de mandar na esposa e nos filhos de uma maneira autoritária.

Versículo 12. No princípio, a **mulher veio do homem**; mas, pelo nascimento natural, o **homem** passou a ser trazido ao mundo pela **mulher**. Nenhum sexo tem razão para olhar o outro com desdém. Todos são um em Deus. Garland disse isto deste modo: "Esta interdependência de homem e mulher poderia gerar uma conclusão semelhante à declaração de 12:21: 'Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti'¹⁹."

¹⁹Garland, p. 529.

Versículo 13. Paulo citou as normas sociais seguidas pelos próprios coríntios (veja 10:15). O costume na sociedade coríntia era que a mulher não tivesse a cabeça descoberta, ou **sem trazer o véu** (*ἀκατακάλυπτον*, *akatakalypton*) enquanto orava. Cabia aos irmãos **julgarem** eles mesmos: a necessidade da mulher cobrir a cabeça era patente.

A sugestão de que Paulo teria em mente uma reunião de adoração de mulheres sem a presença de homens exige que se negue o propósito do apóstolo ao abordar esse assunto. Se uma mulher coríntia orasse sem cobrir a cabeça num culto público em que estavam presentes homens e mulheres, ela estaria demonstrando desrespeito pelas convenções sociais seguidas pela cultura em que ela estava inserida.

Paulo, então, perguntou: **É próprio que a mulher ore a Deus sem trazer o véu?** O uso do véu, ou literalmente o cobrir a cabeça, era um costume. Naquela cultura, o bom comportamento das mulheres consistia em manter certa distância dos homens quando ambos compareciam num local público. Paulo não estava sugerindo que tudo o que ele dissera, afinal de contas, se dirigia às mulheres. A impropriedade de homens orarem ou profetizarem com as cabeças cobertas estava implícita nessa pergunta.

Versículos 14 e 15. Como a **própria natureza** ensina que é **desonroso para o homem usar cabelo comprido?** Evidentemente, os cabelos de um homem crescem tanto quanto os de uma mulher. Segundo Paulo, uma das maneiras em que a "natureza" ensina isso era pelo senso comum determinado pelas convenções sociais. Na opinião do apóstolo, tudo relacionado a costumes e padrões de comportamento era ensinado pela natureza (11:13); qualquer prática imoral ou socialmente inaceitável era contrária à natureza. Em alguns casos, o que estava em jogo era mais do que os padrões sociais. Por exemplo, em Romanos 1:26 o apóstolo falou da moralidade ordenada por Deus e de mulheres que "mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza". "A própria natureza" era a mestra da moralidade e Paulo também citou a natureza como base de costumes sociais antigos. Na sociedade coríntia daquela época, era vergonhoso ou desonroso para um homem usar cabelo comprido. Tal prática era contrária ao ensino da própria natureza, no que diz respeito aos coríntios, porque ela era contrária à experiência deles. O apóstolo usou esse costume para reforçar o argumento

de que era impróprio para o homem orar ou profetizar com a cabeça coberta. Ele não estava inserindo, de repente, um novo assunto, ao citar o padrão de cabelos compridos ou curtos para homens ou mulheres; mas estava confirmando que cabelos curtos para homens e cabelos compridos para mulheres era uma característica daquela cultura, e usou isso para ilustrar que era próprio à mulher cobrir a cabeça.

A afirmação de que era **desonroso para o homem usar cabelo comprido** é de interesse histórico. Os guerreiros espartanos eram proclamados por seus longos cabelos; esse costume atraiu o interesse dos povos da antiguidade precisamente porque era contrário aos padrões normativos²⁰. Homens gregos e romanos costumavam usar cabelos curtos; as mulheres usavam cabelos compridos. Paulo usou essa prática para apoiar seu ensino sobre o ato de cobrir a cabeça quando homens e mulheres oravam ou profetizavam em público. Ele acrescentou que **o cabelo foi dado à mulher em lugar de mantilha** (11:15). O apóstolo não estava argumentando que algum fator na composição genética do homem ou da mulher favorece o uso do cabelo comprido ou curto.

Verso 16. Paulo tinha começado as instruções sobre o costume de cobrir a cabeça e suas implicações nas reuniões públicas de adoração louvando os coríntios (11:2). A igreja parece ter seguido a prática recomendada por Paulo. As dúvidas podem ter surgido porque alguns homens na assembleia cristã sentiam-se desconfortáveis ao adorar com as cabeças descobertas. Anteriormente, quando eram pagãos, sempre cobriam a cabeça ao prestar honras aos deuses romanos. Talvez algumas mulheres pensassem que, se cobrir a cabeça era desnecessário para os homens na assembleia de adoração, então também era desnecessário para elas. As palavras de Paulo reforçaram o costume da igreja e incentivaram aqueles cristãos a continuarem a fazer o que sempre fizeram.

O apóstolo adicionou outro comentário. A paz na igreja coríntia estava ameaçada. Ele disse que quem ignorasse os papéis distintivos do homem e da mulher nos cultos públicos estaria se opondo aos apóstolos e às igrejas de Deus por toda a parte. Tanto os cristãos individuais como as congregações individuais precisavam da influência estabilizadora da história e da comunidade mais ampla ao redor deles. A presença de um membro **conten-**

cioso (φιλόνεικος, *filoneikos*) em uma congregação complacente poderia gerar consequências trágicas. Então, Paulo lembrou aos coríntios em 11:16 que o que ele acabara de dizer sobre o costume de cobrir a cabeça refletia as práticas **das igrejas de Deus** em todos os lugares. Nenhum indivíduo em Corinto ou em outro lugar deveria se opor ao precedente divinamente autorizado (veja 7:17).

Em Corinto, o costume de cobrir a cabeça, prescrito pelos costumes sociais, refletia-se na relação entre homens e mulheres cristãos quando se reuniam para adorar. Todavia, havia outras questões de disparidade óbvias na igreja. Alguns eram mais ricos que outros; e alguns eram judeus, enquanto outros eram gregos ou romanos. Os membros de posição social mais elevada eram propensos a levar as distinções sociais da cultura ao redor deles para a assembleia de cristãos.

As diferenças socioeconômicas ficavam óbvias sempre que a igreja se reunia para compartilhar uma refeição de confraternização. Em Cristo, não deveria haver distinção entre ricos e pobres, escravos e livres, ou judeus e gentios (“gregos”; Gálatas 3:28). A refeição de confraternização visava proporcionar um tempo de conscientização da comunidade e da unidade em Cristo, mas os membros mais abastados relutavam em ter comunhão com os menos abastados. As refeições tendiam a ser banquetes pródigos, financeiramente inacessíveis aos pobres. Paulo tentou sanar o problema. Vejamos o comentário de Garland:

Um dos problemas da igreja coríntia é que ela está saturada de valores culturais romanos que colidem com a sabedoria da cruz.... Paulo tem uma intenção: desarraigar a refeição dos coríntios do solo venenoso das convenções greco-romanas e replantá-la no solo nutritivo do amor sacrificial de Cristo pelo próximo.²¹

O que deveria ser um tempo para os membros da igreja passarem juntos transformou-se em fonte de divisão e contenda. Para isso, Paulo não tinha palavras de louvor.

A VERGONHA DAS DIVISÕES (11:17–22)

¹⁷Nisto, porém, que vos prescrevo, não vos louvo, porquanto vos ajuntais não para melhor, e sim para pior. ¹⁸Porque, antes de tudo, estou informado haver divisões entre vós quando vos

²⁰Heródoto, *Guerras Persas*, 1.82.7.

²¹Garland, pp. 534–35.

reunis na igreja; e eu, em parte, o creio. ¹⁹Porque até mesmo importa que haja partidos entre vós, para que também os aprovados se tornem conhecidos em vosso meio. ²⁰Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis. ²¹Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague. ²²Não tendes, porventura, casas onde comer e beber? Ou menosprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto, certamente, não vos louvo.

Versículo 17. No contexto deste versículo, a conjunção **porém** (δέ, *de*) tem uma função adversativa, mostrando contraste ou oposição. O leitor poderia esperar uma palavra mais forte, já que Paulo tinha encerrado a questão do costume de cobrir a cabeça. O ato de cobrir a cabeça e o de participar de uma refeição estavam inter-relacionados no sentido de que ambas as práticas ocorriam quando a igreja estava reunida (“vos ajuntais [συνέρχεσθε, *sunerchesthe*]”). A seguir, ele disse que não os louvava porque, quando a igreja se ajuntava (συνέρχεσθε, *sunerchesthe*), não era **para melhor, e sim para pior**. Entre todas as cartas de Paulo, variações deste verbo ocorrem somente em 1 Coríntios: quatro vezes na exposição sobre a refeição comunitária da igreja (11:17, 20, 33, 34) e duas vezes quando ele admoestou os irmãos sobre o uso e o mau uso do dom de línguas (14:23, 26). Além disso, o apóstolo usou a frase ἐν ἐκκλησίᾳ (*en ekklesia*, literalmente, “na igreja”) exclusivamente em 1 Coríntios (11:18; 14:19, 28, 35), onde o sentido é “em assembleia”. Outras passagens sugerem ou referem-se a assembleias de congregações individuais (como em Atos 20:7), mas o Novo Testamento não dá detalhes extensos do que as igrejas faziam quando se reuniam.

Paulo já tinha se referido à ceia do Senhor quando discorreu acerca da carne oferecida a ídolos (10:16–22). Ele introduziu o assunto novamente aqui, no contexto de uma refeição de confraternização. Em nenhuma dessas passagens a ceia do Senhor era o tópico principal. No capítulo 10, o apóstolo referiu-se à ceia quando advertiu contra se sentarem à mesa de um ídolo e compartilharem da comida do ídolo. No capítulo 11 ele contrastou a abnegação de Cristo, simbolizada na distribuição do pão e do cálice, com o egoísmo demonstrado nas refeições promovidas por seus leitores.

A recapitulação da instituição da ceia fazia parte do argumento de que a refeição comum praticada em Corinto estava propiciando divisão, e não unidade.

Versículos 18 e 19. Repetindo o verbo traduzido por **vos reunis**, Paulo disse com mais clareza do que antes que ele se referia à assembleia dos cristãos **na igreja** (*en ekklesia*), realizada no primeiro dia da semana (veja Atos 20:7; 1 Coríntios 16:2). Foi nesse dia que os discípulos encontraram o túmulo do Senhor vazio (Mateus 28:1; Marcos 16:2; Lucas 24:1; João 20:1).

No Novo Testamento, “o Dia do Senhor” (2 Tessalonicenses 2:2; 2 Pedro 3:10; veja 1 Coríntios 1:8) não é o mesmo que o “dia do Senhor” (Apocalipse 1:10). No grego são expressões diferentes. A primeira (ἡ ἡμέρα τοῦ κυρίου, *hē hēmera kuriou*) é um empréstimo dos profetas do Antigo Testamento. Refere-se ao fim desta era, o dia em que o Senhor aparecerá uma segunda vez para o juízo final (veja Hebreus 9:28; 2 Coríntios 5:10). “O dia do Senhor” (ἡ κυριακή ἡμέρα, *hē kuriakē hēmera*), por sua vez, refere-se ao primeiro dia da semana, quando os cristãos se reuniam. A única ocorrência dessa expressão é em Apocalipse 1:10; mas o apóstolo usou o mesmo adjunto, “do Senhor” (κυριακός, *kuriakos*), para a ceia em 1 Coríntios 11:20.

Paulo tinha começado a carta repreendendo aqueles cristãos por causa das divisões baseadas em lealdades a diferentes mestres, notavelmente o próprio Paulo e Apolo (1:10–15). Outras **divisões** na igreja em Corinto haviam brotado das diferenças socioeconômicas. Essas divisões provavelmente se manifestavam de várias formas, mas eram óbvias toda vez que a igreja se reunia para uma refeição congregacional.

Gerd Theissen ofereceu provas convincentes para demonstrar que as divisões mencionadas por Paulo em 11:17–22 envolviam indivíduos muito egoístas que se recusavam a compartilhar²². Os cristãos que forneciam um local para a igreja reunir-se possuíam recursos materiais e ocupavam uma posição social elevada. Quando levavam suas refeições, separavam-se dos membros de menor poder aquisitivo. Comiam quando queriam e com toda a pompa. A igreja tinha agregado as distinções de classe adotadas na cultura, mas venenosas para a comu-

²²Gerd Theissen, *The Social Setting of Pauline Christianity: Essays on Corinth*, trad. e ed. John H. Schütz. Filadélfia: Fortress Press, 1982, pp. 148–49.

nhão dos redimidos pela graça de Deus.

A refeição comunitária que proveu o cenário para as divisões sociais em Corinto não deve ser comparada com a ceia do Senhor. Fora do momento desse memorial, os crentes de Corinto repartiam uma refeição comunitária antes ou após a ceia do Senhor²³. A intenção dessa refeição era promover unidade, mas o evento tornou-se um símbolo de divisão. A segregação dos ricos e pobres contrariava a unidade reivindicada pelo corpo de Cristo. Paulo provavelmente soube das divisões que acompanhavam essas refeições da igreja em família por meio das mesmas fontes que lhe falaram das outras divisões. Por mais intolerável que fosse essa prática dos coríntios, antes de discutir mais sobre o assunto, o apóstolo suavizou a acusação dizendo que ele só acreditou **em parte** nos relatos.

Seria fora de propósito Paulo elogiar as divisões – pelo menos as incitadas por cristãos que estavam fazendo distinções superficiais entre os membros – à luz da unidade por ele incentivada em 1:10. O contexto de **estou informado haver divisões entre vós** requer um exame cuidadoso. À primeira vista, 11:19 parece um aparte; é como se Paulo sentisse a necessidade de qualificar a repreensão da desunião implícita em 11:18. Dessa perspectiva, o apóstolo estava recomendando que houvesse “divisões”, pelo menos debaixo de algumas condições. Considerando 1:10 e 11:18, por que o apóstolo iria divagar para recomendar o que ele já tinha desaprovado veementemente? Deve haver um modo melhor de se entender 11:19. O versículo poderia ser uma explanação da última frase de 11:18, “em parte, o creio”.

Paulo só podia crer em parte nos relatos que ouviu acerca das divisões nocivas recorrentes durante as refeições comunitárias daqueles crentes. Ele podia ver que Deus estava moldando a igreja; Ele estava testando a determinação dos crentes coríntios de viverem como Jesus lhes ensinou. Para que **os aprovados se tornassem conhecidos no meio** deles, era necessário que as diferenças viessem à tona. Nem todos os cristãos de Corinto eram igualmente responsáveis pelo clima de divisão presente na igreja. Aqueles que ostentavam prosperidade eram a

causa da divisão (veja 11:27). Quando comiam e bebiam nutrindo um espírito faccioso, traziam sobre si e sobre todo o corpo de Cristo (11:29) o julgamento de Deus. Comendo e bebendo de um modo indigno, estavam danificando a unidade do corpo. Em comum acordo, a igreja inteira parecia ter aceitado a auto-exaltação da elite social como norma de conduta dos cristãos.

As divisões praticadas pelos coríntios quando os mais prósperos entre eles se separavam formando um grupo exclusivo nada tinham a ver com bondade e santidade. Só tinham a ver com egoísmo e arrogância. Essas divisões não foram incitadas pelas mesmas forças que as divisões descritas nos capítulos 1 a 3. A única semelhança entre elas era que se originaram de orgulho e de atitudes de superioridade e criavam barreiras entre irmãos e irmãs.

Versículo 20. A expressão **ceia do Senhor** só ocorre neste versículo do Novo Testamento. Em vez de usar o caso genitivo do grego, que indica posse, em “do Senhor”, τοῦ κυρίου (*tou kuriou*), Paulo usou um adjetivo raro κυριακός (*kuriakos*), que significa “que pertence ao Senhor”²⁴. A outra única ocorrência desse adjetivo no Novo Testamento é em Apocalipse 1:10, na expressão traduzida por “o dia do Senhor”. O uso desse adjetivo antes das duas palavras “ceia” e “dia” ilustra a maneira como Paulo ensinou os convertidos a Cristo a associarem a observância da ceia à assembleia no primeiro dia da semana. Essas duas coisas, o dia e a ceia, pertencem exclusivamente ao Senhor. Lembrança e memorial estão no âmago de cada uma. Paulo acrescentou ainda uma expressão ignorada na maioria das traduções, ora vertida para **no mesmo lugar**, ἐπὶ τὸ αὐτὸ (*epi to auto*), ora para “juntos”. Ela é bastante comum nos primeiros capítulos de Atos (veja 1:15; 2:1, 44), que enfatizam a natureza coletiva do cristianismo. Na reunião da igreja no dia do Senhor e na confissão comum da igreja ao tomar a ceia do Senhor firmava-se que o cristão pertence, compartilha e comunga com o Cristo celestial assentado à direita de Deus (veja 10:16; Hebreus 10:12). O dia e a ceia eram inseparáveis; ambos evocavam a paixão do Senhor e a Sua vitória sobre a morte. Eram fundamentais para integrar a confissão, o estilo de vida e a comunhão.

²³Segundo Raymond C. Kelcy, os coríntios participavam da refeição comunitária “antes da ceia do Senhor” (Raymond C. Kelcy, *First Corinthians*, The Living Word Series. Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1967, pp. 51–52). O fato de a ordem ser a ceia do Senhor seguida pela refeição está implícito em 11:33: “...quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros”.

²⁴Veja informações sobre essa palavra no período patrístico em G. W. H. Lampe, *A Patristic Greek Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1961, pp. 785–86.

Versículo 21. Aparentemente, a ceia do Senhor em Corinto estava se tornando um mero ritual. A igreja parece ter assumido que a maneira de tomar a ceia do Senhor não tinha importância. Paulo disse, com efeito: “Por causa do modo como estão se comportando, o Senhor não vai tomar parte desse ritual. O que vocês chamam de ‘ceia do Senhor’ não presta nenhuma glória a Ele”.

Paulo estava tratando de duas coisas diferentes em 11:21: a ceia do Senhor – a observância do memorial na reunião de adoração – e a refeição de confraternização na qual cada um só se preocupava com a **própria ceia**²⁵. O modo como os cristãos estavam observando essa refeição, fazendo distinções com base em níveis socioeconômicos, contradizia a declaração de que eram um só corpo, uma unidade simbolizada na ceia do Senhor. O apóstolo comentou alternadamente esses dois assuntos, contrastando as atitudes envolvidas. Alguns estavam saindo da mesa ainda famintos, enquanto outros ficavam bêbados. A emoção evidente nas palavras de Paulo anuncia que tal prática era uma terrível negação da unidade do corpo.

Wayne A. Meeks provavelmente estava certo ao concluir que a melhor explicação para as advertências de Paulo é deduzir que “a divisão básica se dava entre os (relativamente) ricos e os (relativamente) pobres”²⁶. Durante a refeição congregacional, ricos humilhavam pobres ostentando evidências de sua boa condição econômica. Na ceia do Senhor, os cristãos coríntios alegavam ser crentes e todos iguais perante de Deus. Na refeição comunitária, os ricos pareciam se distanciar fisicamente dos que possuíam menos; comiam e bebiam quando e como bem queriam (veja 11:33), despreocupados com os demais irmãos em Cristo.

Versículo 22. Fechar o parêntesis desta seção é a intenção da frase **não vos louvo** (veja 11:17). A sentença é um lembrete de que a narrativa de Paulo de como a ceia do Senhor foi instituída (11:23–26) não era um fim em si mesmo. O apóstolo estava preocupado com a segregação social durante a refeição comunitária. As divisões negavam a unidade proposta pelo Senhor.

²⁵Talvez a refeição comunitária realizada em Corinto corresponda às “festas de fraternidade” de Judas 12 e 2 Pedro 2:13. (Essas festas são comentadas em Duane Warden, *1 e 2 Pedro e Judas*, A Verdade para Hoje. Disponível no site www.biblecourses.com.)

²⁶Wayne A. Meeks, *Os Primeiros Cristãos Urbanos: O Mundo Social do Apóstolo Paulo*. Trad. I. F. L. Ferreira. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2011, p. 69.

A CEIA DO SENHOR (11:23–34)

Assim que os leitores do Novo Testamento terminam de ler os quatro Relatos do Evangelho, esperam encontrar frequentes referências às parábolas e feitos de Jesus nos documentos que vêm a seguir. No entanto, Atos, as Epístolas e Apocalipse pouco falam da vida e do ministério do Senhor. A ênfase é na Sua morte, ressurreição e prometida volta. Ocasionalmente, Paulo referiu-se a frases ditas pelo Senhor (1 Coríntios 7:10; 9:14), mas em nenhuma outra carta desse apóstolo há algo comparável ao tratamento dispensado à ceia do Senhor.

Na ceia do Senhor, Deus manifesta a Sua graça e comunica o Seu poder. O pão e o cálice trazem à memória o acontecimento fundamental da fé cristã. A ceia é um memorial, mas é mais do que isso. Já vimos nesta carta de Paulo que o cálice é a “participação” ou a “comunhão” do sangue de Cristo e que o pão é a “participação” ou a “comunhão” do corpo de Cristo (10:16).

A Instituição da Ceia (11:23–26)

²³Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; ²⁴e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. ²⁵Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. ²⁶Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.

Versículo 23. Em meio a uma controvérsia, Paulo disse o seguinte com respeito ao evangelho que ele pregava: “Porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo” (Gálatas 1:12). O apóstolo não devia sua autoridade a ninguém – nem mesmo aos apóstolos de Jerusalém. Ao mesmo tempo, ele não ignorava tradições que lhe foram passadas pelos que foram apóstolos antes dele (2:2), nem ensinava os crentes a tratarem as tradições cristãs levemente (2 Tessalonicenses 2:15). Quando Paulo afirmou que **recebeu do Senhor o que também entregou** aos coríntios, provavelmente ele não estava alegando que Cristo lhe deu uma revelação independente. A

revelação que ele recebeu do Senhor²⁷ também foi dada pelos que já eram apóstolos e profetas antes dele, aqueles que foram inspirados pelo Espírito a falar com autoridade sobre os acontecimentos fundamentais do evangelho. Paulo pretendia fazer mais do que corrigir a maneira como os coríntios estavam tomando a ceia do Senhor. Uma de suas preocupações era com as implicações da ceia para a refeição comunitária que acontecia em seguida.

O apóstolo deve ter ensinado os coríntios a observarem a ceia do Senhor logo no início de sua visita (veja Atos 18:1–11). Sempre que plantava igrejas, Paulo certamente instruíu os cristãos a se reunirem no dia do Senhor e a celebrarem a ceia do Senhor. Paulo, juntamente com outros missionários, contava aos cristãos recém-convertidos que **o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão**. Quando os cristãos partiam o pão e bebiam o cálice, lembravam-se do sacrifício de Jesus.

Versículos 24 e 25. Só Paulo e Lucas usaram as palavras **e, tendo dado graças** (εὐχαριστήσας, *eucharistēsas*) ao relatar Jesus partindo o pão²⁸. Mateus 26:26 e Marcos 14:22 indicam que Ele “abençoou” o pão, embora o sentido não seja tão diferente. Quando um cristão toma o pão acompanhado de seus irmãos em Cristo presentes na reunião, ele participa do corpo do Senhor.

Alguns grupos religiosos ensinam que ocorre nessa hora a “transubstanciação”, uma doutrina segundo a qual o pão da ceia do Senhor se transforma literalmente no corpo de Cristo quando o crente o come. Contrariando essa falsa doutrina, observemos que Jesus disse: **Isto é o Meu corpo**, da mesma forma que disse: “Eu sou a videira verdadeira”, em outro contexto (João 15:1). O pão, simbólica e espiritualmente, representa o corpo de Jesus assim como Jesus ser uma videira é uma metáfora.

Através do pão e do cálice, os crentes mostram sua fé comum de que Jesus morreu em lugar do Seu povo. Ele carregou os nossos pecados. O tomar a ceia do Senhor é uma comunhão; uma participação. Quando participam do pão e do cálice, os crentes partilham entre si e partilham coletivamente com o Senhor. Através da ceia, os crentes renovam a fé

²⁷N. Trad.: Alguns comentaristas sugerem que Paulo teria recebido essa revelação direta do Senhor por um arrebatamento ao terceiro céu, nas regiões da Arábia, onde permaneceu por três anos (veja Gálatas 1:17, 18; 2 Coríntios 2:12).

²⁸“Eucaristia”, termo usado por alguns grupos religiosos para a ceia do Senhor, é uma adaptação da palavra grega equivalente a “gratidão” ou “agradecimento”.

e recebem poder do alto. A ceia do Senhor consiste numa recordação, mas ela não é só uma recordação.

Semana após semana, as mentes dos crentes se concentram na cruz. Nesses dois versículos, o tempo presente sugere uma contínua recordação e participação na morte do Salvador. No quinto século, Agostinho escreveu o seguinte: “Não me transformarás em Ti, mas Tu serás mudado em mim”²⁹. Embora Agostinho provavelmente tivesse a transubstanciação em mente, ele estava correto quanto à convicção de que Deus age por meio da ceia do Senhor, dando poder para os crentes se assemelharem a Cristo. Quando comemos o alimento físico, ele nos nutre e, assim, nos modifica; quando participamos da ceia do Senhor, a mudança é de outra natureza. Ao comer o pão e beber o cálice, o adorador participa de Cristo e, na medida da fé operante no participante, ele se torna o que Jesus é.

Pelos menos dois entendimentos são possíveis sobre as palavras **em memória de Mim**, usadas por Paulo em referência à ceia do Senhor. Talvez Jesus estivesse convocando os próprios participantes a lembrarem o preço que Ele pagou para que fossem salvos. Nesse caso, a lembrança estaria relacionada a gratidão. A outra possibilidade é que Jesus queria que os cristãos que tomam a ceia do Senhor roguem que Deus leve em conta o Seu sacrifício na cruz, pedindo que Ele “se lembre” da cruz e lhes alivie o peso da culpa pelos pecados. O contexto sugere que a maneira como os coríntios tomavam a ceia é que estava em jogo. Nós, cristãos, devemos sempre pensar profundamente no preço que Jesus pagou para nos salvar. Semana após semana, devemos pensar no que aconteceu na cruz.

O derramamento do sangue de Jesus foi o meio pelo qual Deus fez uma **nova aliança** com o Seu povo. Há que se distinguir a nova aliança da velha aliança que Deus fez com Israel por meio de Moisés. Em Mateus 26:28 e Marcos 14:24, o cálice é chamado de “sangue da Minha aliança”. Lucas 22:20 diz: “Este é o cálice da nova aliança no Meu sangue derramado em favor de vós”. O texto de Paulo é o mais similar ao de Lucas, mas só 1 Coríntios contém a frase **fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de Mim** depois de se tomar o cálice. Nos Evangelhos Sinóticos, essas palavras vêm depois do partir do pão, e não depois de se abençoar o cálice.

O sangue escorrendo de um ferimento é uma imagem poderosa de até que ponto uma pessoa

²⁹Agostinho, *Confissões* 7.10.16.

pode se dar por uma causa ou pelas vidas de seus amados. O elemento sagrado do sangue derramado percorre as páginas do Antigo Testamento. Quando Deus fez aliança com Noé, Ele ordenou: “Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis” (Gênesis 9:4). Depois de Moisés ter escrito “todas as palavras do SENHOR” (Êxodo 24:4), ele ordenou que imolassem bois jovens. Então, passou a ler “o Livro da aliança” ao povo e aspergiu o sangue sobre o povo, dizendo: “Eis aqui o sangue da aliança que o SENHOR fez convosco” (Êxodo 24:7, 8). O autor de Hebreus elevou isso a um axioma declarando: “sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hebreus 9:22). O derramamento do sangue de Jesus é, ao mesmo tempo, um testemunho do Seu amor e do grau do Seu sacrifício. É um sinal contínuo, entre os cristãos, de perdão, esperança, comunhão e poder.

O fato de Deus firmar alianças com o Seu povo é um dos conceitos mais profundos e ternos do Antigo Testamento. A palavra hebraica בְּרִית (*b'rith*, “aliança”) sugere um acordo entre duas ou mais partes, porém não necessariamente um acordo entre partes iguais. Na Septuaginta, *b'rith* é vertido para διαθήκη (*diathēkē*, “aliança”) e dali se torna a palavra operante no Novo Testamento. Deus fez alianças com Noé (Gênesis 9:9), Abraão (Gênesis 15:18), o povo de Israel (Êxodo 34:27) e Davi (2 Samuel 23:5). O profeta Jeremias predisse um tempo em que as várias alianças que Deus fizera com o Seu povo seriam substituídas por uma “nova aliança” escrita nos corações humanos (Jeremias 31:31–34; veja Hebreus 8:7–13). Quando Jesus disse que o cálice era “a nova aliança do Seu sangue”, Ele estava se inspirando na longa história da auto-revelação de Deus. Também estava declarando que os cristãos são herdeiros da nova aliança da graça (2 Coríntios 3:6).

Versículo 26. A ceia do Senhor, além de olhar para trás em memória e ser uma comunhão entre crentes, também aponta para frente, para a volta do Senhor. Através da ceia, os cristãos **anunciam a morte do Senhor, até que ele venha**. Os coríntios poderiam ter usado um método vocal, literal, para se lembrarem da morte e segunda vinda do Senhor quando comiam o pão e bebiam o cálice; mas Paulo provavelmente usou “anunciam” figuradamente; isto é, no ato de comer e beber, aqueles cristãos, assim como todos que observam a ceia do Senhor hoje, reconheciam simbolicamente a morte sacrificial de Jesus e a fé na Sua volta.

A Observância da Ceia (11:27–34)

²⁷Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. ²⁸Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; ²⁹pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si. ³⁰Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem. ³¹Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. ³²Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo. ³³Assim, pois, irmãos meus, quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros. ³⁴Se alguém tem fome, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para juízo. Quanto às demais coisas, eu as ordenarei quando for ter convosco.

Versículo 27. Os cristãos costumam ficar intrigados com este versículo. Alguns temem tomar a ceia do Senhor **indignamente**. Cientes de seus próprios pecados, alguns partem o pão com relutância ou até se recusam a participar.

Participar da ceia do Senhor indignamente tem sido entendido como tomá-la sem se arrepender dos pecados. Muitos cristãos têm pecados que ainda não conseguiram abandonar totalmente (veja Colossenses 3:8). Além disso, a maioria das pessoas luta para manter a mente longe de devaneios enquanto participa da ceia. Num sentido, ninguém é digno de participar da ceia do Senhor. Se Paulo estivesse intimando os cristãos a serem dignos em algum sentido, ninguém ousaria partir o pão ou beber o cálice.

Um melhor entendimento desse versículo parece advir da observação de que **o corpo e o sangue do Senhor** podem se referir ou ao corpo físico do Senhor na cruz ou à igreja como corpo de Cristo. É incomum a igreja ser igualada ao “corpo e ao sangue” e não apenas ao corpo de Cristo. A exposição sobre a ceia do Senhor no mesmo cenário que as divisões (11:18) pode explicar o uso que Paulo fez dessa expressão. O apóstolo estava escrevendo sobre a instituição da ceia do Senhor porque ela anuncia a unidade do Senhor e do Seu povo. Ele queria inculcar nos coríntios o absurdo de se partir o pão para anunciar a unidade deles e depois imediatamente se dividirem por níveis socioeconômicos durante o que deveria ser uma refeição de confraternização

(11:20, 21).

Tomar a ceia do Senhor negando sua essência por meio do que praticavam era tomá-la “indignamente”. Quando os cristãos dividiam o corpo por causa de preferências egoístas, despreocupados com os outros, participavam da ceia do Senhor indignamente. “Indignamente” não descreve o cristão em seu perdão, mas a maneira como os coríntios estavam participando da ceia. Eles estavam celebrando a unidade do corpo partilhando o pão e o cálice, depois se desmembrando em grupos classificados por abastados de um lado e famintos do outro. Essa divisão da congregação tornava cada um réu [“culpado”] do “corpo e do sangue do Senhor”. Gordon D. Fee pensou o seguinte:

Parece certo que a versão deles da refeição era menos que satisfatória... provavelmente não tanto porque não estavam “pensando em Cristo” devidamente, ou por não estarem em plena comunhão com Ele, mas porque os maus tratos de uns para com os outros negavam justamente a ideia central da morte [de Cristo]...³⁰

Versículo 28. Uma pessoa pode se beneficiar com um auto-exame refletindo na sua própria compaixão, no tratamento que dá aos familiares, ou qualquer combinação de fatores que contribuem para a totalidade do que ela é. Cada indivíduo deve testar sua fidelidade a Cristo. Essa mentalidade deve estar presente quando participamos da ceia do Senhor. No caso da igreja em Corinto, o auto-exame significava pensar nas implicações da ceia para “o corpo e o sangue do Senhor”, ou para a unidade da igreja.

Paulo convocou os coríntios a examinarem como estavam agindo: **Examine-se, pois, o homem a si mesmo.** Não é um chamado para recusar a ceia do Senhor se o cristão lembrar-se de algum pecado cometido na semana que passou. Se fosse assim, ninguém poderia partir o pão nem beber o cálice. Todos pecaram (Romanos 3:23); todos pecam diariamente. Tampouco Paulo estava dizendo que, se o participante não mantivesse a mente fixa na morte de Cristo enquanto a ceia era distribuída, ele não deveria tomar a ceia. Agir “indignamente” (11:27) não envolvia nenhuma dessas coisas. No contexto, Paulo estava incentivando que a unidade simbolizada na ceia fosse aplicada na prática. Obviamente, o cristão deve examinar e corrigir a conduta pecaminosa; porém isso não é mais urgente quando

³⁰Fee, p. 557.

ele está tomando a ceia do que em qualquer outra ocasião. Enquanto toma a ceia, cada membro do corpo do Senhor deve empenhar-se em lembrar a cruz e o preço pago por seus pecados. Tudo isso é verdadeiro, mas a falha dos coríntios tinha a ver com unidade. Estavam tomando a ceia e anunciando a unidade do corpo, porém, na prática, estavam promovendo divisão. Por causa da conduta facciosa, estavam tomando a ceia indignamente. Aqueles irmãos precisavam observar o que se passava quando se dividiam em “panelinhas”, promovidas pelos que eram mais endinheirados. Paulo esperava que examinar essa prática os levasse a rejeitá-la. Quando a unidade do corpo fosse devidamente anunciada pela partilha de uma mesa comunitária, a ceia do Senhor e a refeição que acontecia a seguir comunicariam a mesma mensagem.

Participar da ceia e ao mesmo tempo negar a unidade do corpo por ela simbolizada era comer e beber condenação para si mesmo. Ainda que seja possível negar o significado da ceia do Senhor agindo como os coríntios, a mesma transgressão pode ser cometida de outras maneiras. Qualquer desrespeito rude por princípios morais cristãos surtiria o mesmo efeito.

Versículo 29. O plano de Cristo é que cada um que **come e bebe** encontre no memorial da ceia do Senhor comunhão com Cristo e com seus irmãos na fé e uma confiante esperança de vida eterna. Não **discernir o corpo** enquanto se parte o pão e se toma o cálice convida o **juízo** (κρίμα, *krima*) do Senhor, isto é, Sua condenação.

O que Paulo quis dizer com “o corpo”? Muitos leitores focam a descrição do apóstolo da ceia e ignoram as circunstâncias que o levaram a fazer essa descrição. O contexto mais amplo fornece a definição de “corpo”.

“O corpo” neste versículo muitas vezes é entendido como o corpo literal de Cristo pendurado na cruz. Relacionando isto com a admoestação do apóstolo sobre participar “indignamente” em 11:27, muitos cristãos concluem que não concentrar a mente no preço pago pelo Senhor, no Seu corpo pendurado na cruz, é participar indignamente e trazer condenação para si. A ARC aumentou a confusão dando uma tradução que segue manuscritos gregos posteriores e não confirmados: “Porque o que come e bebe *indignamente* come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo *do Senhor*” (grifo meu). Os manuscritos mais antigos e mais confiáveis não repetem “indignamente” em

11:29, nem contêm nada equivalente a “do Senhor”. Paulo estava advertindo do juízo os que comiam e bebiam, mas não “julgavam [‘discerniam’] o corpo corretamente”.

“Corpo” é uma metáfora comum usada por Paulo para a igreja. Ele disse: “...nós, embora muitos, somos... um só corpo” (10:17); “...o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros... constituem um só corpo” (12:12). A falha dos coríntios não era tomar a ceia sem fazer a devida introspecção; era tratar o corpo do Senhor, a igreja, como se divisões fossem aceitáveis. Não era no corpo literal do Senhor na cruz que os coríntios estavam se negando a contemplar; eles não estavam mantendo a unidade da igreja.

Versículo 30. A seguir Paulo afirmou: **Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem.** Em outros textos, Paulo usou o “sono” como uma figura de linguagem para “morte” (15:51; 1 Tessalonicenses 5:10). “Não poucos que dormem” foi uma forma delicada do apóstolo descrever que muitos cristãos em Corinto estavam espiritualmente mortos. Quanto ao restante, “entre vós muitos”, estavam “fracos e doentes”. Quando os ricos expressavam a unidade do corpo tomando o pão e o cálice, mas depois se separando dos mais simples na refeição comunitária, eles estavam comendo e bebendo “indignamente” (11:27). Por essa “razão”, coisas lamentáveis sobrevieram a eles. Paulo afirmou que o sofrimento da igreja coríntia era resultado de impiedade. Alguns haviam sido disciplinados pelo Senhor (11:32; veja Hebreus 12:5–7) e alguns haviam até morrido por causa da hipocrisia que a igreja às vezes cometia.

Versículo 31. O apóstolo inverteu a oração condicional (ἐἰ [ei] mais o indicativo em prótase seguido de ὅτι [oti] em apódose), para salientar a advertência. Se tivessem examinado a si mesmos, teria sido desnecessário Paulo emitir um julgamento sobre esse assunto. O mais importante era que Deus não os teria julgado. Todavia, eles mesmos não estavam se julgando. **Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados,** escreveu Paulo. Deus julgou os cristãos que se recusaram a se examinar. O auto-exame seguido por arrependimento dos pecados é o caminho da glorificação a Deus e do recebimento do Seu favor. A admoestação de Paulo era para que os coríntios levassem a sério o que praticavam. O uso da primeira pessoa do plural (“nós”) suavizou a repreensão. Ao identificar-se com eles, o apóstolo sugeriu que o auto-exame era um compo-

nente inesgotável de uma conduta piedosa.

Versículo 32. Ainda na primeira pessoa do plural, o apóstolo escreveu: **Mas, quando julgados, [nós] somos disciplinados pelo Senhor.** A intervenção de Deus nas interações da igreja em Corinto resultara em pelo menos alguns doentes e mortos. Deus não ficara de longe, deixando a igreja fazer o que bem quisesse. Os cristãos não têm motivo para crer que Deus em algum momento se afasta. A ordem enfática das palavras no texto original ὑπὸ τοῦ κυρίου παιδευόμεθα (*hupo tou kuriou paiduomentha*) sugere o seguinte: “Pelo Senhor e nenhum outro são os cristãos corrigidos”.

Jó descobriu que os caminhos justos de Deus estão além da compreensão humana (veja Jó 38), mas uma coisa é evidente: Deus julga e corrige todos os Seus amados para **não serem condenados com o mundo.** Nem todos os julgamentos do Senhor foram relegados ao fim dos tempos. O comportamento faccioso que os crentes coríntios aceitaram como norma ameaçava-os com a possibilidade de Deus retirar o candeeiro deles de Sua presença (veja Apocalipse 2:5).

Versículo 33. O apóstolo amenizou suas duras palavras com a afetuosa expressão **irmãos meus** neste versículo. Ele ainda não tinha encerrado o assunto das divisões entre os coríntios nas reuniões públicas. O comentário de Paulo sobre a ceia do Senhor estava relacionado a abusos específicos cometidos pela congregação ao participar da ceia do Senhor. Na conclusão do ensino sobre as divisões e a necessidade de haver unidade, Paulo resumiu as admoestações iniciadas em 11:17. O povo de Deus – ricos ou pobres, judeus ou gentios, livres ou escravos, homens ou mulheres, jovens ou velhos – é um só no que se refere à culpa e à necessidade da graça de Deus manifestada na cruz.

As divisões em partidos negavam o que era básico à confissão de fé cristã. Quando partiam o pão e tomavam o cálice e depois se dividiam de modo que cada um comia sua “própria ceia” (11:21), não estavam tomando “a ceia do Senhor” (11:20) como deveriam. Estavam evidentemente observando a ceia da maneira errada.

A admoestação de Paulo para **esperarem uns pelos outros** era um chamado para se unirem na unidade do Espírito e no vínculo da paz (Efésios 4:3) na refeição comunitária. A interação social durante essa refeição precisava anunciar a mesma união anunciada quando partiam o pão e bebiam o cálice em observância à ceia do Senhor. Embora fos-

sem eventos diferentes, ambos deveriam contribuir para a unidade do povo de Deus.

Versículo 34. A saciedade da fome não era o propósito da ceia do Senhor. **Se alguém tem fome, escreveu Paulo, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para juízo.** Os cristãos poderiam ou não fazer uma refeição juntos quando se reuniam; mas se o fizessem, a refeição deveria confirmar, e não negar, a unidade do corpo de Cristo. Se alguns cristãos não quisessem repartir a comida espontaneamente com os demais irmãos em Cristo, tinham casas onde poderiam saciar a fome. Esse aviso mostra que havia uma diferença distinta entre a ceia do Senhor e a refeição de confraternização. A ceia do Senhor era, necessariamente, um evento para edificar a fé. Era uma parte essencial da assembleia reunida no dia do Senhor. Sem dúvida, Paulo teria mais a dizer aos coríntios sobre essas questões quando chegasse ali pessoalmente.

DESTAQUES

Cristãos e Costumes (11:1–16)

A pergunta sobre o costume de cobrir a cabeça referia-se a um público específico reunido em determinada hora e local. Para os coríntios, cobrir a cabeça era um símbolo. O uso que fizeram desse costume veio a significar algo mais importante. O apóstolo esperava que os homens assumissem o papel de liderança nas reuniões públicas de adoração e na vida da igreja. Quando uma mulher comparecia com a cabeça descoberta, esse gesto demonstrava desrespeito pelo plano de Deus para a liderança da igreja. Para complicar, tudo indica que na adoração idólatra os homens cobriam a cabeça. Paulo era favorável à assimilação de costumes que simbolizavam a liderança masculina, mas rejeitava costumes que tinham a aparência de endossar práticas idólatras.

As admoestações aos coríntios ensinam aos cristãos modernos o seguinte: 1) quando um costume é moralmente neutro, os crentes devem respeitar esse costume. 2) Um costume social não pode ser desassociado do contexto em que ele é expresso. O respeito ou a falta de respeito dos cristãos por um costume deve levar em consideração quaisquer implicações morais ou religiosas desse costume. 3) Um costume social tem, invariavelmente, um valor simbólico para a sociedade organizada na qual os ensinamentos de Cristo podem criar raízes e florescer. 4) Nós, cristãos, devemos assumir uma posição em relação

a questões morais e religiosas que são significativas. Rejeitar costumes sociais alegando uma visão diferente ou independência de pensamento é, na melhor das hipóteses, insensato e pode ser prejudicial à causa de Cristo.

A Ceia do Senhor: Mais que um Memorial (11:17–34)

Para nós, cristãos, o encontro da igreja no dia do Senhor é um evento fundamental para a nossa vida religiosa. É nessa hora que nos reunimos como comunidade para confirmar a nossa fé, desfrutar da companhia uns dos outros, animar uns aos outros e – acima de tudo – adorar a Deus. Os cristãos têm uma resposta pronta para a pergunta: “Qual é o propósito da assembleia da igreja no primeiro dia da semana?” Convém fazermos aqui duas considerações.

Em primeiro lugar, *os cristãos se reúnem para afirmar e apoiar uns aos outros numa confissão de fé unânime e para animar uns aos outros a viverem piedosamente, voltados para servir.* A reunião congregacional consiste em desfrutar da companhia uns dos outros através de tudo que a comunhão fraternal envolve. Experimentamos a alegria indescritível de estarmos juntos. Por essa razão, o autor de Hebreus escreveu: “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos” (Hebreus 10:24, 25a).

A ordenança da reunião dos cristãos aos domingos tem um caráter *cristão-cêntrico*; porém há também um segundo propósito na reunião dos cristãos, um propósito mais importante. *A assembleia também consiste em adoração.* Há um caráter *Deus-cêntrico* na reunião dominical em que reverência e louvor consciente ocupam as mentes dos crentes. Devemos confiar que o Deus a quem adoramos será sensível aos nossos esforços falhos de adorá-LO.

A ceia do Senhor, assim como outros aspectos da adoração, serve para mais de um propósito. Cada cristão pode se beneficiar perguntando: “Em que consiste a ceia do Senhor? Por que tomamos o pão e o cálice quando nos reunimos? A ceia do Senhor tem a ver com comunhão fraternal ou é um ato de adoração? Qual é a relação entre a adoração e a comunhão fraternal?”

A observância semanal gira em torno de três coisas. Analisemos cuidadosamente o significado pleno desse evento semanal que Deus nos propôs.

Um Olhar para Trás. Evidentemente, o partir do pão e o beber do cálice proporcionam um olhar para

trás; ambos nos fazem recordar. Os crentes são interligados como um povo através da confissão unânime de que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus. Ele continua sendo o Cristo de Deus, que reina à direita do Pai. Deus assumiu a forma humana na pessoa de Jesus. Lemos em Hebreus:

Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna (Hebreus 4:15, 16).

O povo de Deus é definido pelos acontecimentos magníficos que ocorrem através de sua história. Desde o arco nas nuvens do céu (Gênesis 9:13) até o soar de trombetas no ano de jubileu (Levítico 25:9–12), Deus sempre cercou o Seu povo com memoriais. Quando Deus reivindicou Israel como Seu povo exclusivo, deu-lhes a Páscoa para comemorar esse evento. No nono mês, a nação armava tendas e dormia nelas em memória aos quarenta anos de peregrinação no deserto. Quando Israel atravessou o Jordão, Josué mandou pegarem doze pedras das margens do rio e edificou um memorial (Josué 4:20, 21). A tendência do ser humano é esquecer-se até das coisas mais importantes para ele – incluindo seus benfeitores. Na ceia, nós, cristãos, fazemos uma viagem ao passado; unimos nossos corações aos de nossos irmãos contemporâneos e a todos que nos antecederam. Na ceia recordamos. Deus manteve a Sua aliança; Ele Se esvaziou e se fez homem (Filipenses 2:6, 7). Ele sofreu e morreu para salvar um povo perdido no pecado. Na ceia do Senhor, os crentes relembra a Sua carne perfurada e o Seu sangue derramado.

Um Olhar para os Lados. Ao partir o pão, os cristãos olham para trás; mas também olham para os lados. A ceia do Senhor é uma comunhão com o corpo de Cristo. O pão e o cálice partilhados expressam uma fé comum. Através da ceia, afirmamos e apoiamos uns aos outros confessando que Jesus é o Cristo. “Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo?”, indagou Paulo. “O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?” (1 Coríntios 10:16). A ceia do Senhor consiste no corpo vivo de Cristo, sustentado pelo Espírito, lutando contra o pecado no mundo. É um evento de comunhão – comunhão uns com os outros e comunhão com Cristo. Como crentes,

tomamos o cálice e partimos o pão; mas fazemos isso juntos como um povo. Quando participamos da ceia do Senhor como igreja, estamos recordando assim como nossos pais na fé recordaram através dos séculos.

A comunhão na ceia do Senhor vai além dos limites de uma única congregação. Unidos no espaço e no tempo, o povo de Deus, membros da igreja de Cristo, se estimulam uns aos outros na fé cruzando as fronteiras nacionais. Toda vez que se rompe o dia do Senhor em algum lugar do planeta, os cristãos se reúnem e adoram. Na ceia do Senhor, expressam visivelmente a confissão que têm em comum: Cristo morreu pelo pecado dos homens e ressuscitou. Por meio desse dia e da ceia, os cristãos se ajuntam numa grande assembleia dos remidos. Participando da ceia do Senhor, confirmamos o compromisso comum de viver seguindo o exemplo de Jesus, e contemplamos juntos, com uma esperança comum, a vida eterna. A ceia do Senhor é um olhar para trás, mas também é um olhar para os lados, à medida que aprendemos uns com os outros, crescemos uns com os outros, corrigimos uns aos outros, apoiamos uns aos outros e cuidamos uns dos outros.

Ser cristão não é apenas uma decisão que o indivíduo toma entre ele mesmo e o Senhor. É participar também da vida do corpo. Jesus e Seu corpo, a igreja, são inseparáveis. A ceia do Senhor é uma experiência *corporal*.

Um Olhar para Frente. Além de ser uma recordação e uma confissão de fé mútua, a ceia do Senhor é o testemunho de uma promessa. É um chamado para olharmos para frente em direção ao céu. O pão e o cálice lembram os cristãos que o Senhor prometeu voltar. “Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice”, escreveu Paulo, “anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (11:26). O mundo secular nega que o tempo caminha para uma direção, um destino. Os ateus pensam que o mundo pode acabar com uma explosão quando for atingido por um meteoro ou que os seres humanos o destruirão com bombas atômicas. Aos olhos dos ímpios, tudo é uma questão do acaso, e o que vai acontecer não importa.

Uma premissa básica da mensagem do evangelho é que a história está se movendo para uma conclusão. O futuro desta terra não é simplesmente uma questão de acaso ou circunstância. O mesmo Senhor que viveu na terra como Jesus de Nazaré aparecerá como nosso Salvador e Juiz. Quando os cristãos tomam a ceia do Senhor, fazem nessa

hora uma reflexão sobre o Senhor ressurreto que um dia voltará. Nessa hora, os cristãos confirmam que este mundo e a raça humana estão caminhando para uma direção, um destino. A igreja reconhece que Deus está no controle deste mundo.

Conclusão. A ceia do Senhor é uma confirmação de fé, um olhar para o passado. Ela é uma comunhão com Cristo e com os irmãos que partilham a mesma fé; como tal, é um olhar para os lados. Ela

também é uma expressão da expectativa e da esperança, sendo, portanto, um olhar para o futuro. A ceia é um momento de confirmação da vida, da esperança e da comunidade dos crentes. Ela enfoca o que foi, o que é e o que será. Faz nossas mentes se virarem para a cruz. Usando aquilo que era um símbolo de derrota no mundo romano, Cristo criou um símbolo de vitória. A ceia do Senhor declara que os salvos têm uma aliança com Deus.

Autor: Duane Warden
© A Verdade para Hoje, 2018
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS